



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS - INGLÊS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - INGLÊS**

LEIDIANE DOS SANTOS RIBEIRO

**RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ: LENDO *JANE EYRE* A PARTIR DO
ESTOICISMO**

**GUARABIRA-PB
2022**

LEIDIANE DOS SANTOS RIBEIRO

**RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ: LENDO *JANE EYRE* A PARTIR DO
ESTOICISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC: monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Inglês.

Área de concentração: Estudos Críticos em Literaturas de Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R234r Ribeiro, Leidiane dos Santos.
Resiliência através da fé [manuscrito] : lendo Jane Eyre a partir do estoicismo / Leidiane dos Santos Ribeiro. - 2022.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Jane Eyre. 2. Charlotte Brontë. 3. Estoicismo. 4.
Resiliência . I. Título

21. ed. CDD 211

LEIDIANE DOS SANTOS RIBEIRO

RESILIÊNCIA ATRAVÉS DA FÉ: LENDO *JANE EYRE* A PARTIR DO ESTOICISMO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC: monografia) apresentado à coordenação do curso de Letras – Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Letras - Inglês.

Área de concentração: Estudos Críticos em Literaturas de Língua Inglesa.

Aprovada em 29 / 11 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jenison Alisson dos Santos
Prof. Me. Jenison Alisson dos Santos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rosângela Neres F. Silva
Prof.ª. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A meu irmão, pelas boas lembranças que nos deixou, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom dá vida e oportunidade de ter chegado até aqui.

Ao professor Auricélio Soares Fernandes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha avó (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A minha família pelo apoio quando foi necessário.

Aos professores do Curso de Graduação da UEPB, em especial, Jenison Alisson, Vilian Manguiera, Ana Carolina Costa e Clara Vasconcelos, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, Marcielly Felix e Davi Coutinho, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos amigos que fiz na UEPB pelos bons momentos.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Não se pergunte o que fizeram com você, se pergunte o que você vai fazer com o que fizeram com você.”

(Jean Paul Sartre)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar o romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, a partir de uma perspectiva filosófica do estoicismo, com foco na resiliência praticada pela personagem Jane Eyre. O estudo desenvolve uma contextualização do período vitoriano, no qual se estrutura a narrativa, refletindo acerca do papel que a mulher desempenha e o lugar que ela ocupa nessa sociedade, tendo como ponto de partida a vida da autora Charlotte Brontë e buscando ainda destacar a personagem dentro desse contexto histórico e as influências da corrente filosófica estoica em seu desenvolvimento pessoal. Como pesquisa básica, qualitativa e bibliográfica, foram utilizados trechos do romance que dialogam com os ensinamentos estoicos. A pesquisa foi desenvolvida com base nos estudos de Elizabeth Gaskell (2020), Robertson Donald (2020); e dos escritos de Marco Aurélio (2020), Epiteto (2021) e outros.

Palavras-Chave: *Jane Eyre*. Charlotte Brontë. Estoicismo. Resiliência.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the novel *Jane Eyre*, by Charlotte Brontë, from a philosophical perspective of stoicism focusing on the resilience practiced by the character Jane Eyre. The study develops a contextualization of the Victorian period, in which the narrative is structured, reflected about the role that women play and the place she occupies in this society, having as a starting point the life of the author Charlotte Brontë and also seeks to highlight the character within this historical context and the influences of the stoic philosophical current in his personal development. As a basic, qualitative and bibliographical research, excerpts from the novel that dialogue with stoic teachings have been used. The research was developed based on the theoretical framework of Elizabeth Gaskell (2020), Robertson Donald (2020); and the writings of Marco Aurélio (2020), Epiteto (2021) and others.

Keywords: *Jane Eyre*. Charlotte Brontë. Stoicism. Resilience.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
2	CHARLOTTE BRONTË E O FEMININO NO PERÍODO VITORIANO	14
2.1	A personagem Jane Eyre e seu papel no romance	20
3	ESTOICISMO A FILOSOFIA DA RESILIÊNCIA	22
3.1	<i>A resiliência em Jane Eyre</i>	24
4.2	<i>Helen Burns e as influências religiosas dentro do romance</i>	27
4	A BREVIDADE DA VIDA E O SER RESILIENTE	31
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Como todo discurso artístico, a literatura é um caminho possível para explorar o contexto de um determinado período histórico, representando ansiedades, questionamentos de uma época. Nas páginas de um romance, por exemplo, podem-se identificar uma série de fatores sociais, culturais, políticos e religiosos da sociedade no qual se ambienta. Sendo aqui tomado como exemplo, o romance *Jane Eyre*, da autora inglesa Charlotte Brontë, publicado pela primeira vez em 1847, buscando destacar em específico a personagem Jane. Essa narrativa, escrita e publicada durante o período da Era Vitoriana, tornou-se importante obra para o meio acadêmico e para o público em geral, e já recebeu três adaptações para o cinema, *Jane Eyre* (1944), dirigido por Robert Stevenson; *Jane Eyre – Encontro com o Amor* (1996), dirigido por Franco Zeffirelli; e sua adaptação mais recente *Jane Eyre* (2011), dirigida por Cary Fukunaga. O romance também foi adaptado pela BBC (2006) em formato de minissérie em quatro episódios. A produção recebeu boas críticas e é considerada uma produção bem sucedida. A adaptação conta com uma excelente ambientação fílmica e explora bem toda trama descrita por Brontë em seu romance.

Várias são as questões abordadas no romance de Brontë, que o levaram a ser considerado uma das narrativas mais populares da literatura inglesa. Escrito em um contexto de grande repressão e moralismo social, *Jane Eyre* é um exemplo de romance de formação (bildungsroman¹). Mas Brontë vai além desse aspecto e apresenta-nos uma história de solidão, perdas e aprendizados através da experiência e da religiosidade. É nesse sentido que esse trabalho propõe a estudar a resiliência na narrativa, a partir de uma análise filosófica, contextualizando-a na filosofia estoica. A análise será baseada a partir do foco principal da personagem Jane Eyre, que desde pequena foi submetida a uma série de provações e infortúnios, mas surpreendentemente consegue contorná-los e revertê-los em aprendizagem para a sua vida, principalmente pelo fato de ser mulher e órfã naquele contexto. E o que a ajuda a ultrapassar essas provações é a prática da resiliência que traz esperança e forças para a personagem.

O interesse por estudar as questões aqui apresentadas e o romance e personagem específicos surgiu durante o curso da disciplina de Literatura Inglesa III, na qual lemos o

¹ Jane Eyre é um romance pertencente ao gênero romance de formação. O romance de formação ou Bildungsroman é categorizado pelo tipo de romance que explora o desenvolvimento psicológico e moral do protagonista da narrativa, indo desde a infância até a vida adulta. Britannica, The Information Architects of Encyclopaedia. “bildungsroman”. Encyclopedia Britannica, 4 Oct. 2022. Disponível em: <https://www.britannica.com/facts/bildungsroman>. Acesso em: 04 de out. de 2022.

romance *Jane Eyre*, e foram apresentados uma sequência de seminários sobre a obra, dentre os quais me foi sorteado o tema Representações femininas no romance *Jane Eyre*. Trabalhar a representação feminina da personagem no romance era a ideia inicial para a pesquisa, mas após discussões acerca da temática e da própria personagem, percebi que ela é uma mulher diferente em diversos aspectos, entre eles a prática constante da resiliência, característica esta que chamou bastante minha atenção, o que, posteriormente, a fez torna-se objeto de pesquisa e reflexão de vida.

Jane Eyre é um romance que se ambienta na Inglaterra da Era Vitoriana, período no qual as mulheres sofriam grandes represálias sociais, e a própria autora da obra, Charlotte Brontë, teve que publicá-la usando um pseudônimo masculino de Currer Bell², assim como as suas irmãs. Brontë cria uma personagem de características diferentes das mulheres de seu tempo, fora dos padrões de beleza, órfã e sem família, mas não desistia em meio aos desfortúnios que lhe foram impostos. Desta forma, a discussão sobre o feminino também estará sempre presente, embora não seja o objetivo específico da pesquisa, visto que os acontecimentos e os sentimentos expressos na obra pelos personagens são retratados pela ótica feminina da autora Charlotte Brontë.

A obra de Brontë traz uma significativa lição de vida por trás da personagem Jane Eyre, que em seus momentos de provação mantém-se firme através da prática da resiliência, sobre a qual foi apresentada quando ainda era criança. A resiliência é um ato necessário ser humano que, em momentos difíceis, pode ter a mente mais livre para pensar de forma racional e não desistir. Para Jane, essa prática se fundamenta na religião, com base nos ensinamentos bíblicos e da moral. A resiliência é uma prática proveniente dos ensinamentos estoicos, que têm como base a busca pelo equilíbrio entre a natureza e a moral – a natureza é a fé e a moral é a forma de vida que a sociedade, e o estoico não pode permitir ser corrompido ou se deixar abater pelas dificuldades que lhe são impostas. Segundo Santos (2021), O estoicismo é uma importante escola filosófica, que surgiu na Grécia antiga com Zenão de Cítio, no início do século III a., e propunha que o homem vivesse em harmonia com a natureza.

Para desenvolver o estudo descrito a pesquisa será construída com base nos conhecimentos filosóficos “[...] é fruto do raciocínio e da reflexão humana. É o conhecimento especulativo sobre fenômenos, gerando conceitos subjetivos” (GERHARDT; SILVEIRA,

² As irmãs Brontë ficaram conhecidas por grandes obras que publicaram no período vitoriano, mas devido as impossibilidades de mulheres publicarem na época elas usaram nomes masculinos para publicar, ficaram conhecidas como os irmãos Bell. [CASTA, Camilla. As escritoras que publicaram de usar pseudônimo masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC NEWS**. 15 de abr. de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 06 de mar. de 2022.]

2009, p. 20). Buscando destacar as reflexões filosóficas no contexto da própria obra, essa pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, e descritiva, pois objetiva a ocorrência de fenômenos observáveis. O estudo se divide em dois capítulos: o primeiro é voltado para discussões sobre a autora e o período no qual se estrutura o romance, fazendo uma contextualização do período vitoriano e abrangendo questões filosóficas intrínsecas ao romance de Charlotte Brontë; o segundo, busca destacar o papel da personagem, estudo da filosofia estoica e a análise da resiliência na obra. Desta forma, pretende-se discutir a trajetória de Jane e como a resiliência ajudou-a a buscar caminhos e superar as adversidades no contexto social do século XIX, com uma série de restrições que eram impostas às mulheres.

Esta análise terá como objetivo discutir a influência de Charlotte Brontë e do período vitoriano na construção da personagem Jane Eyre, relacionar conceitos da filosofia estoica com a resiliência praticada pela protagonista, além de apontar a influência da religião no processo da prática da resiliência por Jane. Como fundamentação teórica serão usados estudos de Rafael S. V. Santos (2021), para contextualizar a filosofia estoica; os escritos de Epiteto (2021), do Imperador Marcos Aurélio (2002), Nietzsche (2001), que discutem sobre a prática da resiliência; Elizabete Gaskell (2020) e Lúcia Osana Zolin (2009), com estudos sobre o feminino e o período vitoriano e sobre Charlotte Brontë. Por fim, pretendemos questionar como a prática da resiliência influencia na vida da personagem analisada, discutindo a hipótese de que a resiliência atua de forma relevante na perspectiva de vida de Jane Eyre.

2 CHARLOTTE BRONTË E O FEMININO NO PERÍODO VITORIANO

Mesmo que majoritariamente tenha *status* de ficção e represente espaços, contextos e pessoas, a literatura pode ser uma importante fonte de registro sobre um período histórico e seus aspectos sociais, culturais, políticos e religiosos, entre as quais podemos destacar exemplos como, *O cortiço*, romance de Aluísio Azevedo, que aborda as problemáticas sociais vivenciadas nos cortiços cariocas do final do século XIX; *Anne de Green Gables*, de L. M. Montgomery, do qual pode-se destacar o abandono de crianças órfãs e como estas eram vistas pela sociedade em pequenas províncias do Canadá no final do século XIX. Seguindo essa perspectiva, observaremos no romance *Jane Eyre* algumas características do período vitoriano, principalmente no tocante à representação da mulher naquele contexto, em meados do século XIX, quando viveram as irmãs Brontë.

Muito se discute acerca da relação entre a literatura e a sociedade, ou seja, o quanto uma obra literária é verossímil à sociedade retratada, podendo ser fiel, carregando muitas características ou trazendo apenas alguns traços que marcam o ambiente da narrativa. Mas, Segundo Antonio Candido (2008), só podemos entender essa relação juntando o texto com o contexto para interpretá-los, buscando uma relação entre ambos e focando nos fatores sociais que devem colidir com o período analisado:

Sabendo ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na construção da estrutura, tornando-se, portanto, interno (CANDIDO, 2008, p.14).

Diante disso, pode-se dizer que não falamos de algo que busca uma descrição fiel a um contexto, mas sim que apresente características relevantes, de modo que o contexto seja parte integrante do texto, pois, a literatura pode ser simbólica na forma de expressar-se sobre fatores sociais, cabendo ao outro a função de interpretá-los.

O período Vitoriano ou Era Vitoriana (1837-1901) foi marcado por sua repressão aos direitos das mulheres, sendo estas silenciadas de diversas formas. Período no qual as mulheres eram consideradas como seres de capacidade intelectual inferior a dos homens, tendo a própria rainha Vitória apoiado essa conduta contra as mulheres através de cartas, que eram manuais para o comportamento feminino, como aponta Zolin (2009):

Resultado disso que a mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa. (ZOLIN, 2009, p. 220).

Assim, as mulheres tinham pouco espaço nas esferas sociais, ocupavam cargos monetizados de domésticas, costureiras, operárias em fábricas ou fazendas quando lhe era permitido trabalhar. E nesse ambiente de discriminações muitas mulheres foram impedidas de publicar livros e escrever para jornais da época, mas apesar das limitações, algumas dessas mulheres apresentavam um comportamento subversivo àquilo que lhes eram imposto. Uma possibilidade que elas tinham de escreverem e publicarem seus livros era usarem pseudônimos masculinos, como fizeram as irmãs Brontë, que publicaram suas obras como os irmãos Bell, Currer (Charlotte), Ellis (Emily) e Acton (Anne) Bell (GASKELL, 2020). Outras escritoras do período Vitoriano tiveram a oportunidade de publicar sem usar o primeiro nome, assinando o texto apenas com o sobrenome, como Mrs. Gaskell (Elizabeth Gaskell³), que mais tarde foram devidamente reconhecidas por seus trabalhos, muitos de grande importância para estudos na atualidade sobre o período no qual foram ambientados.

Contudo, aqui nos atentaremos às décadas do período vitoriano que correspondem aqueles vivenciados por Charlotte Brontë e à sua obra aqui destacada, indo de 1837 a 1855. A autora e suas irmãs, assim como outras escritoras de sua época, passaram por diversas dificuldades para serem reconhecidas e terem suas obras publicadas, sendo julgadas não pela qualidade ou relevância de suas obras, mas pelo seu gênero.

Acerca disso, Glen (2002) destaca que esses eram problemas enfrentados por mulheres de mente independente, determinadas a expandir o emocional, intelectual e geográfico. Socialmente eram analisadas para saber se tinham aprendido as normas sociais e muitas vezes apontadas não pelo seu comportamento, mas pelo que escreviam. Como aconteceu com Charlotte Brontë ao publicar *Jane Eyre*, momento no qual foi dito por alguns conservadores, que ela tentava corromper as mulheres e a jovens solteiras não deveriam ler tal romance para não serem tentadas a seguir tais comportamentos absurdos:

Mesmo Gaskell, a mais ardente defensora de Charlotte, não permitia que suas filhas solteiras lessem *Jane Eyre* por medo que elas pudessem ser corrompidas pelo o que um crítico de chamou de ‘total ignorância dos hábitos da sociedade, uma grande grosseria de gostos e uma doutrina pagã da religião’⁴ (GLEN, 2002, p. 13, tradução nossa).

Charlotte Brontë (1816-1855) ganhou notoriedade com a publicação de *Jane Eyre*, que foi um grande sucesso de crítica e de público. Charlotte levou uma vida muito restrita: desde

³³ Elizabeth Gaskell escreveu a primeira biografia de Charlotte Brontë, e teve importante reconhecimento em suas publicações literárias.

⁴ Texto original: “Even Gaskell, the most ardent of Charlotte’s champions, would not allow her unmarried daughters to read *Jane Eyre* for fear that They might be tainted by what one reviewer called its ‘total igborance of the habits of Society, a great coarseness of taste, and a heathenish doctrine of religion’” (GLEN, 2002, p. 13).

muito jovem herdou grandes responsabilidades com sua família, principalmente com os irmãos mais novos, que ao longo da vida perderam pessoas importantes, como a mãe e as duas irmãs mais velhas. Além da ausência do pai, que devido as suas obrigações dedicava pouco tempo aos filhos.

Conforme Gaskell (2020), Charlotte Brontë teve uma vida longe de riquezas e prestígio. Brontë desde pequena se dedicou a literatura e tinha interesse pela política, tendo um ponto de vista crítico a respeito dos acontecimentos do período. E sempre teve fortes ligações religiosas devido ao trabalho de seu pai, o lugar onde vivia, e mais tarde com o esposo que também era um religioso. Quando criança foi enviada para uma escola de meninas juntamente com suas irmãs, e lá viu suas duas irmãs mais velhas morrerem devido as precariedades do ambiente. Mas, não desistiu de permanecer na escola, pois enxergava na educação uma oportunidade maior de aprender coisas, diferente do que aconteceria se estivesse em casa, já que seu pai provia de recursos financeiros limitados. Ainda, segundo Gaskell (2020), esses episódios da vida de Charlotte inspiraram alguns trechos de *Jane Eyre*, sendo por isso conhecido como um romance autobiográfico. A estada de Jane no Instituto Lowood, e a morte da personagem Helen Burns, que durante um surto de tifo⁵ na escola morre de tuberculose seriam trechos inspirados na passagem de Charlotte pela escola. E Helen seria uma personagem em homenagem à sua irmã mais velha Maria, que faleceu na escola devido a complicações de saúde causadas pela precariedade do local. Mais tarde, com a intenção de minimizar despesas do seu pai com ela e as irmãs, começa a trabalhar como preceptora da *Roe Hear School*, onde ficou por anos.

Assim como sua personagem mais conhecida, Jane Eyre, Charlotte Brontë era muito severa com a sua aparência e ciente de suas condições sociais; por se considerar feia e pobre acreditava que não deveria almejar grandes sonhos. As cartas apresentadas por Gaskell (2020) revelam que Charlotte estava sempre melancólica por causa dos problemas da família, mas tentava disfarçar a sua tristeza para eles como um gesto da sua responsabilidade, mostrando que a resiliência também foi algo presente na vida da própria autora. Desde pequena precisava lidar com as perdas de entes queridos, mas nunca deixou de ajudar os irmãos e ao pai; ela tinha sonhos que não pôde realizar, mas nunca desistiu porque tinha fé. E Charlotte acreditava na força superior que era Deus, e em como a presença Dele em sua vida lhe trazia esperança

⁵ A febre tifoide ou tifo, é uma doença infecciosa aguda que causou diversos surtos e epidemias ao longo das décadas em diferentes continentes, sendo responsável pela morte de milhares de pessoas. [Outras informações em: NEVES, Artur Iago Lira et. **Aspectos gerais da febre tifoide**. Seminário de Biomedicina do Univag, v. 1, 2017. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:X4PKrFX01-AJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 04 de out. de 2022.]

ajudando-a a superar seus obstáculos sem se deixar abater por completo. E seguindo esse caminho ela dá vida a uma personagem de caráter forte, mas que acredita no amor e na bondade de Deus sem fugir do que ela mesma crê:

Se a fé que tinha em Deus fosse menor, ela poderia ter cedido à depressão profunda em diversos momentos de sua vida. Porém, sendo as coisas como elas são, veremos que ela fez um enorme e bem-sucedido esforço para deixar “tudo nas mãos Dele” (GASKELL, 2020, p. 132).

Charlotte e as irmãs eram muito próximas e compartilhavam muitas ideias entre elas, pois não lhes era permitido falar sobre todos os assuntos em determinados ambientes. Gaskell (2020) reitera que elas foram educadas a serem boas mulheres agindo conforme os bons costumes, mas elas não se limitaram e buscaram, além de fazer o que era suas obrigações, e dedicaram aos estudos e a escrita de seus livros:

[..] As garotas aprenderam com o pai, de forma teórica, com a tia na prática, que participar ativamente das práticas domésticas era um simples dever de mulher. Porém, administrando o tempo cautelosamente, conseguiam encontrar diversos cinco minutinhos para ler enquanto ficaram de olho nos bolos [...] (GASKELL, 2020, p. 155).

Essa era uma relação que se estabelecia dentro de uma hierarquia entre homens e mulheres, tendo a mulher o seu papel social limitado à esfera privada, delegada aos cuidar dos afazeres domésticos e responsáveis pela educação das filhas. Em *Jane Eyre* também é possível observar essa relação da dominação masculina; no romance, pode-se explorar essas relações de hierarquia masculina quando se observa que o patriarcado é o modelo dominante dentro daquele contexto e como as mulheres da narrativa coagem outras mulheres a serem submissas a essa sociedade. A exemplo, temos a sra. Reed, que permite que seu filho agrida Jane e se ela tenta se defender é ela quem recebe a punição. A sr. Reed ainda coloca o filho como superior aos funcionários mais velhos da casa, das filhas e dela mesma. Quando adulto essa relação se intensifica e torna-se ainda mais maléfica, pois ele como homem torna-se o responsável pelos bens da família e a mãe passa a ser submissa a ele também.

Acerca disso, Bourdieu (2010) destaca:

[L]embrar os traços que a dominação imprime perduravelmente nos corpos e os efeitos que ela exerce através deles não significa dar armas a essa maneira, particularmente viciosa, de ratificar a dominação e que consiste em atribuir às mulheres a responsabilidade de sua própria opressão, sugerindo, como já se fez algumas vezes, que elas escolheram adotar práticas submissas (“as mulheres são seus piores inimigos”) [...] (p. 52).

É de conhecimento geral que as mulheres não estão contentes nesse sistema de dominação, mas por serem vítimas desse meio acabam por internalizar algumas situações, pois elas se tornam alvos isolados dos dominadores que são pais, esposos, chefes, etc, que além de disponibilizar de recursos sociais também se valem da força física. E assim, os homens exercem um poder simbólico sobre os corpos femininos.

Jane Eyre é um romance autoficcional, no qual a narradora conta a sua trajetória. Originalmente foi lançado em três volumes, sendo atualmente comercializado em volume único composto por 38 capítulos, que podem ser divididos em três momentos importantes da narrativa: infância e adolescência; início da vida adulta e independência; por fim, vida adulta e casamento. Sendo este último o mais conflituoso para a personagem. Quem conta a história é a própria protagonista quando adulta, dando ao leitor uma descrição comentada de como ela se sentia, tornando a obra mais detalhada e realista.

Charlotte Brontë desenvolve uma narrativa sólida através da personagem Jane Eyre, a partir da qual contesta os valores vitorianos do período e o lugar da mulher na sociedade, além de abordar temas como religião, sexualidade e ideologias de classe. Esta última está relacionada à forma como cada personagem se identifica e se aceita dentro de sua realidade econômica e social. Um exemplo simples acerca desta problemática dentro do romance é quando Blanche Ingran fala mal de todas suas antigas perceptoras⁶ e como elas pertencem a uma classe inferior à sua; outro exemplo que podemos citar é o modo como Jane se diz inferior frente a seu patrão por ser uma mera empregada e não uma moça rica, acreditando não ser digna de seu amor.

A escrita feminina sofreu grandes preconceitos durante um tempo muito longo da história, e os poucos escritos que eram publicados por mulheres eram sobre suas vidas e condutas femininas, e Charlotte Brontë faz diferente ao criar a obra *Jane Eyre*, “A autora inova na literatura de seu tempo ao conceder vida a personagens femininas tão ousadas e fortes [...]” (SILVA, 2021, p. 47). Inova no sentido de criar uma personagem fora dos padrões de como as mulheres já eram descritas por outros romancistas do período. Uma grande conquista para as mulheres, que foram tendo cada vez mais espaço em diversas esferas sociais. A visibilidade no meio literário foi relevante para construção de um novo símbolo da mulher, não sendo mais vista apenas como mãe e dona de casa que deve seguir fielmente as

⁶ As perceptoras eram professoras particulares que cuidavam da educação de crianças, mais comumente de meninas. Ensinava-as ler, escrever, bordar, pintar, falar outros idiomas entre outras coisas que faziam parte da educação feminina.

ordens do marido sendo a boa esposa, mas alguém que pode contribuir na política, educação, finanças, e em qualquer outro meio.

Em *Jane Eyre*, a narrativa é construída em uma atmosfera fria e sem alegria, como se acompanhasse as tristezas vividas pela protagonista, e os poucos momentos de luz e leveza do dia acompanhavam os poucos momentos felizes da vida de Jane. Quando ainda era um bebê de apenas um ano de vida Jane sofre com a perda dos pais, ficando órfã, e é acolhida pelo tio materno, Sr. Reed, que morre e a deixa sobre os cuidados de sua esposa, a Sra. Reed. Depois de tantas perdas a pequena Jane leva uma vida triste e isolada em Gateshead, lugar onde passa a primeira infância até os 10 anos de idade. Desprezada pela tia e primos, Jane é mandada a uma escola interna para meninas, uma instituição de caridade que acolhia órfãs e filhas de pessoas de poucas condições financeiras.

O Instituto Lowood é dirigido pelo sr. Brackehurst, um religioso muito severo que pregava valores longe de riquezas e das coisas do mundo e obrigava as meninas a seguir suas ordens. E foi nesse ambiente de humilhações, insalubridade e falta de afeto que Jane cresceu. Passando por inúmeras necessidades, ela ainda consegue se tornar uma pessoa melhor, e quem lhe ajuda alcançar essa grandeza de espírito é a jovem Helen Burns. Helen apresenta a Jane um mundo novo, no qual o perdão é real e a fé cura trazendo uma ideia de Deus diferente da que ela conhecia, e assim ela vai aprendendo a ser alguém diferente do que ela era, tornando-se resiliente.

Desde sua infância Jane tinha medo de não ser aceita e temia ficar sem ninguém, deixando isso muito claro em suas conversas com Helen quando ainda era criança, mas sempre acabava vendo-se abandonada e por isso ela busca se torna uma pessoa melhor. Quando cresce não se torna uma mulher menos perseverante, busca sua independência e um trabalho, mas ela encontra mais que isso, ela acha o mais próximo que acredita ter de uma família e encontra o amor, do qual não se julga digna de conceber por ser pobre e feia. A paixão de Jane pelo seu patrão, o Sr. Rochester, era sincera e desprovida de interesses. Entretanto, o destino não permite que Jane seja feliz, pois esse envolvimento amoroso vai contra seu senso de moralidade. E mais uma vez ela tem que buscar a razão e ser fiel a si mesma, partindo em busca de uma nova perspectiva, mais uma vez passando pela dor, sofrimentos que para uma jovem de 18 anos em uma sociedade conservadora e pouco aberta para as mulheres era quase uma sentença de morte, e só não foi porque encontrou abrigo e graças de uma família.

Jane Eyre era uma jovem pequena em estatura, porém grande em caráter, gentil e educada. Diferente do que se esperava das mulheres ela não estava disposta a se submeter a

tudo que lhe era imposto, se recusa a viver uma vida limitada, recusa casamento e se casa por amor.

2.1 A personagem Jane Eyre e seu papel no romance

Jane Eyre é a protagonista do romance cujo nome intitula a obra. É uma personagem de características marcantes; uma mulher órfã, fora dos padrões de beleza da sua época e que não almejava um casamento vantajoso que lhe assegurasse uma vida melhor, mas desejava casar-se por amor e buscava a felicidade. Podendo ser lida como uma mulher-sujeito, conforme Zolin (2009): “a *mulher-sujeito* é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição” (ZOLIN, 2009, p. 219). Pois, Jane busca um emprego, recusa casamento e luta pela sua sobrevivência e dignidade, assim como pela liberdade de pensamentos e de ter suas decisões respeitadas.

Ao ler um livro de romance ou de qualquer outro gênero, são feitos diversos julgamentos acerca das personagens, dando a elas perspectivas humanas, lendo-os como seres reais. Sobre isso, Candido (et al, 2000) aponta que “a personagem de romance [...] é sempre esquemática, tanto no sentido físico como psíquico, embora formalmente seja projetada como um indivíduo “real”, totalmente determinada”. Pensando nesse ser “real” por trás da ficção, buscamos ler a personagem Jane Eyre e a resiliência praticada por ela, a partir da perspectiva apontada por Candido.

Ainda segundo Candido (et al, 2000), a personagem, assim como pessoas, pode se encontrar integrada a valores morais, político-social, religioso e exercem autonomia sobre eles. Com isso também não ficam isentos dos conflitos ou das situações limite que envolvem o viver em sociedade, tais como: tragédias, situações que requerem tomada de decisões. Esse ser real dentro do personagem é relevante para credibilizar questões e conflitos vivenciados por estes. Como é o caso da filosofia estoica presente no romance de Brontë, sendo essa bem estruturada e aplicadas por Helen e Jane.

Jane quando criança era magra e um tanto pálida; era destemida, porém reclusa devido ao fato de não ser cuidada por pessoas que a amassem. Quando adulta era uma jovem de pequeno porte, ainda tinha a mesma palidez de outrora e era considerada uma mulher pouco bonita. A narrativa marca muitas ideias e pensamentos da personagem, tais como seus julgamentos e opiniões sobre outras pessoas, um ponto de vista que fica escondido para si em suas conversas, seus pensamentos sobre a moral e como ela influencia em seu ser. Segundo Candido (et al, 2000):

a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isso é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ações e de sensibilidades que se possa equiparar ao que conhecemos na vida (CANDIDO et al, 2000, p. 63).

E Jane não se afasta disso. Constantemente ela vive conflitos reais. A raiva, o desejo, a auto repressão, os conflitos morais e religiosos que ela tem que enfrentar, tomar decisões, e as influências e traumas do ambiente que viveu marcam essa relação com o mundo. No trecho a seguir pode-se observar uma representação desses momentos, no qual outro personagem aponta as características do comportamento de Jane Eyre: “As repressões de Lowood ainda influem em seu comportamento. Isso está evidente na maneira como controla suas reações faciais, o tom de voz, o movimento dos membros” (BRONTË, 2021, p. 180). Essa fala do Sr. Rochester mostra como era evidente que o lugar que Jane viveu influenciou na construção da pessoa que ela era.

A aparência física de Jane é um ponto relevante na construção da sua identidade. No período vitoriano o padrão de beleza feminino era muito cobrado das mulheres; existiam revistas (as chamadas revistas ou manuais femininos) que determinavam como deveriam se vestir, como se portar, lugares que poderiam frequentar, penteados adequados entre outras coisas e muitas mulheres viam-se cobradas a seguir esses padrões sociais de beleza e de comportamento. Acerca disso, Floriano e Cruz (2020) aponta:

A era vitoriana foi um período em que o alcance da beleza feminina foi tomado por exaustivas buscas estéticas para se fazerem bonitas e esteticamente atrativas aos olhos da sociedade. O uso de crinolina, as saias banhadas a petróleo, os espartilhos, os acessórios perigosos no cabelo, o uso de animais mortos como pássaros e asas de insetos e a maquiagem utilizada em segredo visando aparentar um falso ar natural compunham algumas das premissas estéticas. A mulher como símbolo de beleza deveria se portar como destaque dentro desse senso estético (FLORIANO; CRUZ, 2020, p. 9)

Informações que corroboram com momentos descritos no romance de Brontë, tal como em uma fala de Blanche Ingram em relação aos papéis desempenhados pelo homem e pela mulher dentro dos padrões que são exigidos naquela sociedade:

[Os jovens] Estão tão preocupados em cuidar de seus rostinhos bonitos, seus mãos lisinhas e pezinhos pequenos; como se homens tivessem alguma coisa a ver com beleza! Como se a beleza não fosse um direito especial das mulheres, um privilégio legítimo e tradicional. Admito que uma mulher feia é uma mancha no equilíbrio da criação, mas quanto aos cavalheiros, que se preocupem apenas em ter força e coragem, que seu lema seja: caçar, atirar e lutar. [...] (BRONTË, 2021, p. 230).

Essa expressão “uma mulher feia é uma mancha no equilíbrio da criação” (BRONTË, 2021, p. 230), é um ponto marcante na vida da personagem Jane Eyre, pois ela é constantemente apontada como feia. No trecho a seguir Jane descreve como ela mesma se vê em relação a outras mulheres.

Escute, portanto, Jane Eyre, a sua sentença: amanhã, coloque um espelho à sua frente e desenhe em giz seu próprio retrato, fiel, sem amenizar nenhuma falha. Não omita nenhuma linha áspera, não suavize nenhuma irregularidade desagradável. Escreva em baixo dele ‘Retrato de uma Perceptora, desconectada, pobre e sem graça’ (BRONTË, 2021, p. 207).

Tal fala pode ser considerada uma autopunição que a personagem exerce sobre si própria, uma cobrança indireta por não ser uma beleza, acompanhada de uma ideia de não poder se apaixonar por causa disso, não ser digna de ser amada. Conflitos reais vividos por dezenas de mulheres em diversos períodos, que por vezes geram falsas ondas de autoaceitação. Como nos dias atuais que mulheres se sentem cobradas, excluídas por estarem acima do peso, por não terem a roupa da última moda. Destacando com isso que personagens também carregam pesos da sociedade.

3 ESTOICISMO A FILOSOFIA DA RESILIÊNCIA

Há séculos, o ser humano busca uma forma de lidar com suas angústias e provações. E a filosofia estoica pode ajudá-lo a lidar melhor com seus problemas a partir de seus ensinamentos na busca pelo equilíbrio, conhecidos hoje através do que chamamos de resiliência, que por sua vez fundamenta-se na filosofia estoica que “[...] ensina que a razão deve se sobrepor às paixões na busca pela felicidade” (SANTOS, 2021, p. 2). Assim, a busca por uma vida sã deve ser o principal objetivo da pessoa estoica.

O que se entende por filosofia hoje surgiu por volta de século VII a.C. na Grécia antiga e, ao longo dos anos, foi se transformando e surgiram diversas correntes filosóficas. Porém, não foram todas as filosofias que mantiveram da sua origem até os dias atuais, pois muitas foram extintas ao longo do processo de globalização e miscigenação das culturas. E a filosofia estoica passa por todas essas barreiras, sendo atualmente uma filosofia amplamente estudada e praticada por pessoas ao redor do mundo, vista de forma positiva para a sociedade. Ressaltando que o estoicismo ao longo das décadas não perdeu sua a essência dos ensinamentos das suas origens.

Segundo Gazolla (1999), em sua origem o estoicismo se estruturou na cidade Atenas, em uma sociedade que atraía outros povos pelo seu amplo desenvolvimento cultural e comercial, apesar da decadência ético-política que vivia, por volta de 300 a.C. E o seu fundador Zenão de Cítio era um bárbaro⁷, de provável origem fenício-semita, filho de comerciantes, e ainda jovem teria ido a Atenas para estudar. Em Atenas teve contato com todo contexto da filosofia antiga e na procura pela plenitude dá início a sua própria corrente filosófica.

A palavra estoicismo não tem uma definição exata, mas está associada aos próprios preceitos da filosofia. “É possível que o nome “estoico” também indique a natureza prática e realista da filosofia” (ROBERTSON, 2020, p. 38). Muitas correntes filosóficas levam o nome de seus fundadores, mas Zenão não se considerava detentor de tamanha sabedoria para que seu nome estivesse à frente de algo tão grandioso que era a própria filosofia, deixando a própria sabedoria a frente de sua escola.

Conforme Santos (2021), o estoicismo é uma escola filosófica helenística, fundada em Atenas, no início do século III a.C. O estoicismo fundamenta-se na ideia de que os princípios construtivos e a conduta dos homens são baseadas em uma lei divina e natural, comum a

⁷ Na Grécia antiga eram chamados de bárbaros todas as pessoas estrangeiras e que não dominavam a língua grega, independente da classe social do indivíduo.

todos. Para os estoicos a felicidade seria um ato de vontade, e a característica mais importante é a visão da ética sobre a indiferença, a ataraxia. A ataraxia é uma marca do estoicismo, e equivale ao que seria o afastamento das paixões. Com isso o equilíbrio emocional é uma marca dos praticantes do estoicismo. “Trata-se, de fato, de autocontrole e resiliência perante aos acontecimentos do cosmo, vez que tudo faz parte de uma ordem natural perfeita” (SANTOS, 2021, p.6). Seus principais pensadores são: Sêneca, Epiteto e Marcos Aurélio. Personalidades de grande importância para a filosofia mundial.

A escola de Círculo foi historicamente dividida em três períodos. “Denominaram esses três períodos de antigo (sécs. III-II a.C.), estoicismo médio (séc. II a.C.) e estoicismo romano (séc. I a.C. – séc. II d.C.)” (GAZOLLA, 1999, p. 16-17). Destes apenas o estoicismo romano deixou texto integrais, dos outros tem-se apenas fragmentos. E é a partir deste último que se conhece a história desta corrente filosófica. O estoicismo pode ser dividido em três partes fundamentais: a física, a lógica e a ética (SANTOS, 2021) e é a partir da ética estoica que a doutrina cristã sofre grande influência, sendo a resiliência baseada nos ensinamentos religiosos a corrente que tem mais praticantes, por se fundamentar na fé.

A resiliência, por sua vez, é a prática de toda teoria da filosofia estoica. De acordo com Robertson (2020) em seu livro “*Pense como um Imperador*”, a resiliência é alcançada a partir de um exercício de autorreflexão, pois as maiores mudanças veem de dentro para fora. Para que seja alcançado o que o autor chama de “resiliência emocional”. O livro é inspirado na vida do Imperador Romano Marco Aurélio⁸ e em como ele se tornou um dos homens mais inspiradores da filosofia estoica. Conforme Robertson (2020), a resiliência praticada por Marco Aurélio tem como base a observação, ou seja, a inspiração em outras pessoas e o próprio autoconhecimento, que são as reflexões constantes sobre suas próprias ações.

Desde então, ensaiou os exercícios estoicos diariamente, treinando sua mente e corpo para obedecer a razão, transformando-se progressivamente, tanto como homem quanto como governante, em algo que se aproxima do ideal estoico” (ROBERTSON, 2020, p. 26).

Esse processo de autorreflexão é um princípio estoico pois, para os estoicos, os seres humanos são indivíduos pensantes, capazes de exercer a razão. E conforme Robertson (2020),

⁸ Marco Aurélio foi um dos mais importantes imperadores de Roma, teve um governo marcado por guerras. Morreu aos 58 anos em decorrência da grande Peste Antonina (uma provável espécie de varíola). É reconhecido por seu bom governo e por sua dedicação aos estudos da filosofia, em especial a corrente filosófica do estoicismo, e escreve um dos mais conhecidos livros do estoicismo, *Meditações*. [ROBERTSON, Donald. **Pense como um imperador**. DCG, Porto Alegre, 2020. Disponível em: >[Pense como um imperador - Donald Robertson - Google Livros](#)<. Acesso em: 04 de nov. de 2022.]

a sabedoria requer a compreensão entre o que são coisas boas, ruins e indiferente, que são como guias para permanecer no caminho da virtude, assim: “O sábio estoico, ou o homem sensato, não precisa de nada, mas usa tudo para o bem; o tolo acredita que “precisar” de inúmeras coisas, mas as utiliza para o mal” (ROBERTSON, 2020, p. 46). A prática estoica se expande para além do ser individual e alcança o próximo.

Mas é evidente que o sábio estoico não é imune às coisas que vão contra a sua virtude, mas para eles o que importa não é o erro mais o que será feito para concertar o mal. Porque suas ações são sempre voltadas para busca constante pela razão.

A resiliência nos dias atuais é amplamente estudada pela psicologia, que vem aplicando-a como uma forma de terapia, um exercício constante em busca de uma vida mais harmônica e saudável em dias tão difíceis como os atuais, onde o homem vive cercado de violência, doenças mentais, preocupações e sofrimentos. O estoicismo também é aplicado a livros de autoajuda, que buscam fazer refletir pessoas com problemas e desapontamentos pessoais, mas que a vergonha muitas vezes impede que a pessoa busque ajuda seja por medo do julgamento, da falta de conhecimento do problema e de outras possibilidades. E o estoicismo é apresentado a essas pessoas como forma de filosofia de vida. “A filosofia estoica nos ensina a transformar emoções não saudáveis em saudáveis” (ROBERTSON, 2020, p. 50), pois ser estoico é enxergar além dos problemas que cada um tem.

3.1 A resiliência em *Jane Eyre*

Quando ainda era bebê, Jane Eyre perde tudo que conheceria como família, pais e tio, restando alguns poucos que não se interessavam por ela. Uma criança crescendo sem amor e carinho. É assim que conhecemos Jane já com 10 anos, ao ser mandada ao Instituto Lowood, uma instituição de caridade que funcionava como um colégio interno para meninas órfãs. Quando Jane chega ao Instituto, sua personalidade forte e determinada se destaca, e é quando ela conhece a sua grande amiga de infância Helen, que tem papel importante na vida de Jane.

A personagem Helen, órfã de mãe que foi abandonada pelo pai, é um grande exemplo de resiliência nessa obra de Brontë, pois suporta as suas adversidades e ensina à Jane sobre como ser resiliente. No trecho extraído do livro *Jane Eyre* (2021), temos a primeira lição sobre resiliência ensinada por Helen à Jane.

[...] É muito melhor suportar pacientemente uma dor que ninguém mais sente além de você do que cometer um ato impulsivo cujas consequências atingirão outras

peças inclusive aquelas ligadas a você. Além do mais, a Bíblia diz que devemos retribuir o mal com o bem. (BRONTË, 2021, p. 72)

Nesse fragmento, temos duas crianças debatendo sobre como melhorar suas condutas humanas, sendo possível destacar a religião como um ponto marcante na prática da resiliência da personagem. Sobre isso, o filósofo estoico Epiteto (2021) afirma que cada um é responsável pelos seus próprios atos e o erro de um não deve causar sofrimento ao outro; assim como Helen ensina.

Nesse sentido, Epiteto (2021) afirma que:

É ação de alguém mal instruído culpar os outros por sua própria má condução; é a ação de alguém que começou a receber instrução colocar a culpa em si mesmo; e daquele cuja instrução já foi completada, nem culpar o outro ou a si mesmo (EPITETO, 2021, p. 14).

Seguindo esses ensinamentos, Jane, ainda com 10 anos, suporta uma situação humilhante, onde é acusada pelo diretor do instituto por coisas que não fez, sendo ainda humilhada na frente de todas da escola, demonstrando autocontrole e sobretudo confiando mais em si mesma. Nessa situação destaca-se essa elevação espiritual de Jane da qual ela lembra das atitudes e ações da amiga Helen, se tornando um espelho de boa conduta para Jane: “Controlei minha histeria crescente, ergui a cabeça e me equilibrei firmemente sobre o banco.” (BRONTË, 2021, p. 86).

Em outro aspecto, ao discutir o estoicismo, a tentação é uma ideia crescente quando o homem se encontra em situações que podem corromper a boa moral e as virtudes do ser, que foram construídas ao longo de períodos de ensinamentos e reflexões. Sobre isso o imperador romano Marco Aurélio (2020) frisa que é a melhor forma de afastar esse mal é a distância de quem tenta corromper os caminhos que foram estabelecidos através da razão.

Como Marco Aurélio (2020) aponta:

Embora os homens possam impedirem-te de seguir os caminhos da razão, nunca conseguirão desviar-te dos actos sãos; mas assegura-te de que eles também não consigam destruir os teus sentimentos de caridade em relação a eles. Deves defender ambas as posições de igual maneira: firmeza na decisão e acção e, ao mesmo tempo, gentileza para com aqueles que tentem criar-te obstáculos ou molestar-te de qualquer outra maneira. Ceder à irritação seria fraqueza igual à do abandono do teu curso de acção e ser forçado à rendição. Em ambos os casos o posto deve ficar deserto; num, por falta de coragem, e no outro pelo afastamento de homens que são teus irmão e amigos naturais. (AURÉLIO, 2020, p. 119)

Diante desta afirmação, entende-se que o distanciamento de alguns indivíduos também é uma forma de autoproteção, sendo melhor perder um amigo do que se desviar da moral e

dos caminhos retos por influência do outro. Em *Jane Eyre*, encontramos na personagem Jane um exemplo prático dos ensinamentos de Marco Aurélio (2020):

[...] “Eu me importo comigo mesma. Quanto mais solitária, mais desamparada e sem amigos eu for, mais eu me respeitarei. Obedecerei à lei de Deus e sancionada pelo homem. Mantere os princípios que aprendi e que não são para ser seguidos somente em tempos em que tudo corre bem, quando não existe tentação. São justamente para momentos como este, quando corpo e alma se insurgem contra o rigor desses princípios. Eles são rigorosos e devem ser invioláveis. (BRONTË, 2021, p. 407)

Na citação extraída acima temos Jane em conflito com a paixão, que para os estoicos desvia o homem dos caminhos de Deus, e a razão, que por sua vez mantém o homem no caminho correto e o leva a felicidade. E ela tinha que fazer uma escolha: ficar ao lado do Sr. Rochester e viver um amor, e viver em pecado diante de Deus e dos homens, ou respeitar a moral religiosa e o que é ‘correto’ diante dos homens, e não ceder à luxúria de uma paixão. Com isso, ela prefere respeitar a si mesma e abandona tudo o que tinha para construir algo novo em sua vida, sem medo do recomeço.

Os ensinamentos estoicos também abordam os exercícios do ser humano em refletir sobre o que é bom para si próprio, o que deve ou não ser feito, uma espécie de permissão que ele deve se dar ou se negar diante das situações sobre as quais tem controle. A cerca desta colocação, Epiteto (2021) aponta que:

Das coisas, algumas estão em nosso poder, e outras não estão. Em nosso poder estão a opinião [do grego: *hupolaepsis*], o movimento na direção a um objeto [do grego: *hormae*], o desejo, a aversão [do grego: *echchlysis*], o afastamento de alguma coisa; e, em uma palavra, quais que sejam nossos atos. Não estão em nosso poder o corpo, a propriedade, a reputação, os cargos (poder magisterial) e, em uma palavra, o que não são nossos próprios atos (EPITETO, 2021, p. 11).

Quando Jane Eyre tenta se manter íntegra a tudo aquilo que ela realmente tinha, que era ela mesma, sua dignidade e virtudes, pois isso são as coisas sobre as quais ela pode exercer algum controle tomando suas decisões.

Quando fiquei sozinha, mais tarde, lembrei as informações que havia recebido. Examinei meus sentimentos e pensamentos e tentei trazer com mão severa aqueles que haviam se desviado pela imaginação para um caminho incerto de volta para o refúgio seguro do bom-senso. (BRONTË, 2021, p. 206).

Dessa forma, vê-se, de fato, como realmente uma situação é ou está acontecendo é necessária para se manter nos caminhos. Ainda, observa-se que Jane está sempre buscando praticar sua resiliência, ajudando-a a fazer as escolhas certas. Sendo uma situação que vai desenhando-se passo a passo na personalidade da personagem.

Epiteto (2021) traz uma reflexão interessante acerca de se manter firme nas suas convicções, mas é importante destacar que ele também aponta que não se deve esconder ou negar os sentimentos, pois nem sempre poderemos voltar de uma situação e falar o que sentia por alguém, assim “Se você ama um vaso de barro, diga que é um vaso de barro que você ama; pois, quando for quebrado, você não se incomodará” (EPITETO, 2021, p. 13).

E Jane, em suas angústias, depois de ter sentido medo pelo Sr. Rochester ter saído em viagem, deixa dois pontos em destaques em sua fala seu patrão, “Gosto de servi-lo, senhor, e de lhe obedecer em tudo que é certo” (BRONTË, 2021, p. 277). Nesse trecho extraído do romance é possível observar duas práticas significantes da resiliência: declarar seu amor ao ser amado; mas não esquecendo de se manter íntegro (a). “Quando você for executar qualquer ato, lembra-se de que tipo de ato é” (EPITETO, 2021, p. 13). E assim ela fez ao não negar que o amava, mas ponderou seus sentimentos, pois é necessário agir com sabedoria.

3.2 Helen Burns e as influências religiosas dentro do romance

O estoicismo enfatiza a todo o momento a importância de Deus para alcançar a felicidade e o uso da razão como o melhor caminho. Segundo Santos (2021), “A partir de Clemente de Alexandria⁹ o pensamento estico passa a ser absorvido por pensadores cristãos, em parte pela influência do platonismo na doutrina cristã” (SANTOS, 2021, p.9). Devido à essa forte influência a religião passa a pregar entre seus seguidores alguns pensamentos estoicos que os leva à prática da resiliência por algumas dessas pessoas.

Ainda, sobre Deus e religião, Marcos Aurélio (2002) aponta:

Deus vê o interior do espírito dos homens despido de todos os invólucros, cascas ou impurezas materiais. Agindo apenas através do pensamento, ele estabelece contacto com aquilo que neles é uma emanção de si próprio (p. 125).

Assim, Deus estaria sempre observando as ações humanas e exercendo sobre elas um certo controle. E aqui buscaremos estabelecer essa ligação entre religião e resiliência na obra *Jane Eyre*.

No romance, Jane Eyre nem sempre foi uma jovem de personalidade calma e gentil, quando era criança, nos seus dez anos, era indomável e destemida. Durante sua infância Jane

⁹ Clemente de Alexandria foi um padre canonizado pela igreja católica por volta do séc. III d.c. Clemente estabelece uma relação bem próxima entre religião e filosofia, fazendo um resgate daquela crença pagã, afirmando que coisas boas vinham de Deus. Com isso funda a escola filosófica de Alexandria, um de seus principais preceitos era de que a filosofia era boa e que tudo aquilo que era bom só poderia vir de Deus. [Brasil escola. Clemente de Alexandria e a defesa da Religião Cristã. YouTube. 7 de jan. de 2019. Disponível em: ><https://youtu.be/3QKlOwWSv6c>< . Acesso em: 11 de nov. de 2022.]

passou por muitas provações, perdeu os pais quando ainda era apenas um bebê, o tio faleceu muito cedo, ficou aos cuidados da viúva de seu tio que a maltratava e deixava que seus filhos fizessem o mesmo. Mais tarde, quando foi enviada ao instituto Lowood Jane conhece a jovem Helen Burns, que é o símbolo da resiliência praticada no romance. Sendo ela também que apresenta e instrui Jane a ter uma vida resiliente.

Helen é uma jovem de estatura mediana, de aparência normal sem traços de beleza extraordinária, era órfã de mãe e seu pai a abandonou na escola depois que se casou novamente. Helen, por sua vez, carrega traços muito marcantes dentro da narrativa e da construção do seu ‘eu’ particular, sendo uma pessoa prestativa, de fé e busca não julgar o próximo por suas atitudes, mesmo se essas sejam maléficas para ela e por isso passa por diversas humilhações acreditando que um dia as coisas serão melhores. Esse comportamento está relacionado ao *Amor Fati* (vem do Latim e significa “amor ao destino” ou “amor ao próprio destino”), exercício da abordagem estoica no qual o indivíduo busca tirar o melhor de tudo aquilo que acontece em sua vida, mesmo que seja difícil é um momento que deve ser abraçado como uma aprendizagem. Sobre o Amor Fati e sua relação com o estoicismo, Breitbart (2019) destaca:

[Os estoicos] defendem que devemos aceitar as leis da natureza, da física e da existência, que todos os humanos são mortais e finitos. Que nascemos, vivemos, e morrer, e é tudo natural, tudo consistente com a natureza, tudo inescapável capaz por causa das leis da natureza e, portanto, nosso destino. Nosso destino inevitável; um destino que tinha que ser e não poderia ser de outra maneira, e assim era normal, natural e nada a temer (BREITBART, 2019, p. 252 [tradução nossa]).¹⁰

Ela também representa o oposto da ideia de religião pregada pelo diretor da escola o Sr. Brocklehurst, que traz um lado mais severo dos costumes religiosos, forçando outros a seguir o que ele mesmo não fazia. Enquanto isso, Helen zelava pelo amor e perdão de Deus, um modelo de fé próxima aos ensinamentos de Jesus Cristo, praticando o perdão e a busca constante do paraíso. E foi a partir do contato com Helen que Jane passa a ver o mundo e as pessoas de outra forma, não se enxergando mais apenas como vítima das situações, mas elemento ativo da mudança que vem depois. Sendo ela sempre lembrada por Jane, de modo que suas palavras refletiam em seu comportamento.

Pensando sobre esse grande mistério, pensei em Helen Burns, lembrei das palavras dela quando estava morrendo, de sua fé, de sua teoria sobre as almas desencarnadas. Ainda conseguia ouvir a voz dela, ver seu aspecto pálido e espiritual, o rosto

¹⁰ They advocated accepting the laws of nature and physics and existence, that all humans are mortal and finite. That we are born, live, and die, and it is all natural, all consistente with nature, all inescapable because of the laws of nature, and therefore our destiny. Our inescapable fate; a fate that had to be and could be no other way, and so was normal, natural, and nothing to fear (BREITBART, 2019, p. 252).

encavado, o olhar estranho vitrificado enquanto ela jazia em seu leito de morte e sussurrava seu desejo de retornar ao sei do Pai Celestial [...] (BRONTË, 2020, p. 304).

A resiliência em *Jane Eyre* é marcada pela religião, bem como por elementos alusivos à bíblia, da ideia de bem e mal, pecado entre outros que marcam a narrativa como uma busca pela moral religiosa, sendo nesta que Jane se apoia em momentos de provação.

Somente uma noção ainda pulsava com um pouco de vida dentro de mim: a lembrança de Deus. E esta originou uma prece silenciosa, palavras que agitavam em minha mente inquieta, que deveriam ter sido murmuradas, porém não havia energia em mim para isso: “Não se afaste de mim, porque o mal está próximo, e não há ninguém para me ajudar”. (BRONTË, 2021, p. 382).

O que Helen transmitiu e ensinou a Jane, mesmo sendo tão jovem, foi marcante e significativo, pois a gentileza da garota fez outra vida fazer sentido, assim vê-se que muito do que somos pode influenciar o outro. E aqui a resiliência foi transmitida, tornado se significativa e aparte de uma mudança.

A consonância entre fé e resiliência é marcado na narrativa desde a personagem Helen, que ensina sobre a prática a partir de mandamentos bíblicos e Jane leva essa atitude com ela, e até o final da história tem-se a companhia de uma mulher temente a Deus que mesmo enfrentando dificuldades busca a sua liberdade e felicidade.

Mas segundo as ideias de Nietzsche (2001), a religião também pode ser vista como uma fonte manipulação e controle, que nas mãos de pessoas que detém o poder pode ser vista como uma arma que mantém as pessoas sobre supervisão, impedindo que elas se rebelem contra seu comando, por exemplo:

O filósofo, tal qual o compreendemos, nós, espíritos livres, o homem da responsabilidade mais ampla, que tem a consciência do desenvolvimento mais completo do homem, este filósofo utilizar-se-á da religião como um meio de elevação e educação, como é habitual servir-se das contingências políticas e econômicas de sua época. (NIETZSCHE, 2001, p. 70)

A religião praticada por líderes religiosos pode manipular as pessoas. Fazendo com que tenhamos bons praticantes e maus praticantes, como os vendedores de indulgências na idade média, que pela fé roubavam dos pobres com suas mentiras. Mas, em *Jane Eyre* não percebemos esse tipo de olhar sobre a religião, pois Jane é instruída pela fé, não obrigada a fazer algo em nome da religião. Assim, acreditamos que Brontë busca criar uma personagem independente que sabe exatamente como se portar naquela sociedade.

4 A BREVIDADE DA VIDA E O SER RESILIENTE

A filosofia busca uma explicação para a morte desde seus primeiros fundadores, pois deixar de viver é algo que vai além do próprio fato de morrer. Conforme nascemos e crescemos, ouvimos diversas coisas relacionadas à morte, falecimentos prematuros, perdas trágicas, suicídios, doenças, velhice e outras várias coisas que afastam as pessoas da vida na terra. Mas é certo que entre essas muitas formas sempre é falado sobre o que o ser humano deixou de fazer, as inúmeras possibilidades que ele poderia ter vivido. A filosofia estoica busca lidar com a morte como uma forma de buscar viver os dias da forma mais plena for possível, mas se guardando dos vícios e fazendo as escolhas certas:

[...] Você está vivendo como se estivesse destinado a viver para sempre; sua própria fragilidade nunca ocorreu a você; você não percebe quanto tempo já passou, mas desperdiça-o como se tivesse um estoque farto e transbordantes, embora, o tempo todo, esse mesmo dia que você está decidido a alguém ou algo possa ser o seu último. (SÊNECA, 2021, p. 10)

Conforme Sêneca (2021), não temos tempo a perder com coisas que não agregam algo novo e úteis de algum modo, pois não temos uma eternidade para desperdiçar. “O maior obstáculo à vida é a expectativa, que depende do amanhã e desperdiça o hoje” (p. 17), é o agora que devemos viver, porque é necessário pensar sobre o amanhã, mas é vão viver o presente no futuro. Então deve-se ao máximo buscar ter uma vida plena, pois as coisas terrenas são passageiras, mas o que é vivido com sabedoria pode durar por gerações através dos bons exemplos para outras pessoas.

Em *Jane Eyre* temos um longo processo de perdas. Que podemos acompanhar principalmente através da personagem Jane, que cresce sem seus pais, pois esses morreram quando ainda ela era um bebê; depois ela vive a perda do falecimento inesperado de seu tio, que a criava desde que ficou órfã; a morte prematura de sua amiga Helen e de outras meninas da escola onde vivia; sua própria experiência com a sensação de estar à beira da morte enquanto estava perdida procurando abrigo; o falecimento da Sra. Reed, também é um momento importante vivido pela personagem; e os momentos de angústia que lhe foram causados pela possibilidade da morte do Sr. Rochester ao ver sua mansão em ruínas. Esses são acontecimento que proporcionaram a Jane diferentes aprendizagens, pois foram sentimentos distintos em cada situação, além da personagem se encontrar em diferentes momentos da sua vida.

Pensando nessa relação de perdas e aprendizagens analisaremos um pouco mais profundamente alguns dos momentos em que Jane Eyre retira lições de alguns acontecimentos tristes de sua vida.

Após muitas decepções e provações, pois ela amava o seu patrão de forma verdadeira mais não podia ceder ao que ele lhe propunha, Jane Eyre resolve partir da casa do Sr. Rochester para buscar uma vida nova. E por ter tomado essa decisão, acredita que não retornará a aquela casa após sua partida, visto que o distanciamento era uma consequência necessária dados os acontecimentos. Mas, Jane também entende que essa separação um dia seria inevitável, pois a morte é um fim previsto para todos. No trecho a seguir Jane deixa claro para seu patrão que é de verdade um adeus, mas que existe uma esperança para eles além daquela breve existência e se permanecerem íntegros podem alcançar a redenção, e talvez eles tivessem a oportunidade de se reencontrar: “Faça como eu: confie em Deus e em si mesmo. acredite na vida após a morte. espero nos encontramos lá outra vez” (BRONTË, 2021, p. 406). E a cerca disso Sêneca (2021) destaca que: “O que chamamos de morte é apenas uma pausa ou suspensão; e, na verdade, um progresso para a vida, apenas nossos pensamentos olham para baixo, para o corpo, e não para as coisas que estão por vir.” (SÊNECA, 2021, p. 144). Jane, assim como muitas pessoas que seguem algumas religiões, acredita em vida após a morte, e a filosofia estoica não se afasta dessa ideia de uma existência após esse plano terrestre. E o estoicismo foca na ideia de que a morte é uma breve pausa no caminho que será trilhado pela alma que buscou ter uma vida sã.

A morte se dá a partir de um processo, seja uma doença, um acidente, uma sentença, ou qualquer outra forma, que por consequência leva o indivíduo a refletir sobre sua existência sendo levado a ele, provavelmente, inúmeros questionamentos que podem ter respostas ou não. Acerca disso, Sêneca (2021) aponta:

A morte é o pior que a severidade das leis ou a crueldade dos tiranos podem impor sobre nós; e é a extensão máxima do domínio do destino. Aquele que é fortalecido contra ela deve, ser superior a todas as outras dificuldades que são colocadas no caminho que conduz a ela. Não, e em algumas ocasiões requer mais coragem para viver do que para morrer (SÊNECA, 2021, 135).

A morte é um momento solitário, no qual temos que lidar. E muitas vezes buscamos remediar esse momento. Em *Jane Eyre* temos uma tentativa como a descrita por Sêneca (2021), na qual Jane tem mais coragem de lutar para viver do que se entregar a morte: “[..] E porque morrer de fome e de frio é um destino ao qual a natureza não se submete possivelmente. Ah, meu Senhor! Sustenta-me um pouco mais! Ajuda-me! Guie-me!”

(BRONTË, 2021, p. 418). Quando parece que todas as esperanças estão perdidas, ela deixa de buscar forças apenas em seu corpo e implora pela ajuda de uma força superior que é o seu Deus.

Finalmente, Jane Eyre, como uma pessoa de características estoicas, se lamenta por aquele momento estar chegando tão próximo de si, mas se mantém firme sem se desesperar, pois como aprendeu a vida e a morte são etapas. E “Não é a morte em si que é terrível, mas o medo dela que a antecede” (SÊNECA, 2021, P. 135), o medo sempre será o maior inimigo do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos o presente trabalho de pesquisa, constatamos que o romance *Jane Eyre* aborda temáticas importantes para uma análise do período no qual a obra se estrutura, sobre as quais destaca-se a visão do lugar que a mulher ocupa naquele contexto. Em específico, analisamos a personagem-título Jane Eyre, que diante das adversidades se fez forte, tornando-se uma mulher atípica para a sociedade vitoriana que era repleta de restrições para o gênero feminino. Assim, através dessa personagem observamos a constante prática da resiliência, elemento que através da filosofia estoica tornou-se objeto dessa pesquisa.

De forma mais específica, a pesquisa buscou analisar a influência de Charlotte Brontë e do período vitoriano na construção da personagem Jane Eyre. Realizamos também um resgate histórico do período que a escritora Charlotte Brontë viveu, sendo possível observar as prováveis dimensões do peso social que as mulheres vitorianas carregavam devido às normas estabelecidas, compreendendo ainda a importância do papel que as mulheres escritoras desempenharam nesse período. Após uma análise crítica do período histórico abordado nessa pesquisa, também foi perceptível compreender as críticas que Charlotte Brontë traz a essa sociedade e a relevância e singularidade da personagem Jane dentro do contexto narrativo, sendo ela um símbolo da busca pela autonomia feminina.

Compreender o estoicismo e seu contexto histórico foi uma forma de apontar um diálogo entre a filosofia e o texto literário. Dessa forma, compreendemos que a filosofia praticada por Jane Eyre busca explicar as ações da personagem a partir dos próprios ensinamentos dos filósofos estoicos. Dentro das distintas formas de se praticar a resiliência destaca-se no romance a que é voltada para a religião. Assim, buscou-se discutir a influência da religião no processo de aquisição e exercitação da resiliência por Jane Eyre, sob a qual destacou-se Helen Burns, que através de sua bondade ensina sobre fé e redenção.

Nesse sentido, confirma-se a influência que a prática da resiliência exerce na vida da personagem, fazendo com que ela pondere suas palavras e decisões tomadas mudando o rumo dos acontecimentos que se dão na narrativa. Uma sociedade requer muito de quem está inserido nesta, e observou-se que tanto a personalidade da personagem quanto a resiliência praticada por ela, interferem nos acontecimentos ocorridos através das reflexões de Jane descritas no romance, demonstrando de modo consciente as escolhas e justificativas da personagem. Estas por sua vez são baseadas em dois fundamentos, educação, que se refere a tudo que ela aprendeu quando esteve na escola interna e isso inclui os modos como ela se porta, fala e se veste; e a religião, que exerce uma influência ainda maior na vida de Jane, pois

as suas decisões finais vêm do que ela acredita baseadas em sua fé permanecendo íntegra ao que acreditava e a Deus.

A partir dessa problemática tentou-se compreender como a resiliência influenciou na vida da personagem Jane Eyre, sobre a qual constatou-se uma influência positiva, pois Jane desde sua infância apendeu a ver o mundo de outra forma e guiando-se na busca pelo seu crescimento pessoal fez escolhas que pesaram de forma significativa em sua vida. E conforme desenvolvia a prática da resiliência aprendeu a buscar o melhor de tudo que acontece mesmo que seja difícil, buscando constantemente ser uma pessoa melhor.

Por fim, acreditamos que essa pesquisa buscou contribuir com leitura crítica da extensa bibliografia sobre Jane Eyre, em seus mais variados temas e análises. Nosso foco, porém recaí num viés mais filosófico do romance aclamado de Charlotte Brontë e objetivou estabelecer estudos sobre a protagonista bem como sua relação com a personagem Helen Burns, que mesmo sendo uma criança foi capaz de transformar a vida de Jane, devolvendo-lhe a esperança. Pois, *Jane Eyre* é mais que um simples romance de época, é um espelho sobre o qual se pode visualizar as lutas das mulheres em um período tão importante da história, além da significativa lição de vida que a resiliência traz.

REFERÊNCIAS

- AURÉLIO, Marco. **Meditações**. Portugal: Epinho, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2010.
- BREITBART, William. **Memento Mori, Amor Fati**. Cambridge University Press, 2019. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/palliative-and-supportive-care/article/memento-mori-amor-fati/B24D4591C8BF51BD204OCF4DDDFE792>. Acesso em: 07 de dez. de 2022.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Jandira – SP: Principis, 1ª edição, 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CANDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Ed. Perspectivas S. A., 2000.
- EPITETO. **O manual de Epiteto e uma seleção de discursos**. Principis, Jandira – SP, 1ª edição, 2021.
- FLORIANO, Letícia Valéria; CRUZ, Tânia Mara. **Padrão estético inglês no auge da Era Vitoriana e sua presença nas revistas cariocas do século XIX**. UNISUL, Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/britstream/ANIMA/16214/1/versão%20final%20pósbanca%20Leticia%20prof%20Tânia%201.pdf>. Acesso em: 07 de dez. de 2022.
- GASKELL, Elizabete. **A vida de Charlotte Brontë**. Pedrazul, São Paulo, 1ª edição, 2020.
- GAZOLLA, Rachel. **O ofício do filósofo estóico: O duplo registro do discurso da Stoa**. Edições Loyola, São Paulo, 1999. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Of%C3%ADcio_do_fil%C3%B3ico_O.html?hl=pt-BR&id=5j78NFJOq6oC#y=onepane&q&f=false. Acesso em: 04 de nov. de 2022.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Talfó. **Métodos de pesquisa**. UFRSGS, Porto Alegre, 1ª ed., 2009.
- GLEN, Heather et al. **The Cambridge companion to: The Brontës**. Cambridge University Press, USA, 2002.
- KAUARK, Fabiana S.; MANHÃES, Fernanda C.; MEDEIROS, Carlos H. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro**. HEMUS, Curitiba, 2001.
- ROBERTSON, Donald. **Pense como um imperador**. DCG, Porto Alegre, 2020. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Pense_como_um_imperador.html?hl=pt-BR&id=22eEEAAAQBAJ#v=onepage&f=false. Acesso em: 04 de nov. de 2022.

SANTOS, Rafael Silva Verdival dos. **A contribuições do estoicismo no enfrentamento das angústias existenciais no mundo contemporâneo.** Revista Opinião Filosófica, Ed. Fundação Fênix, v. 12, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.977>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

SÊNECA. **A vida feliz. Principis**, Jandira, 2021.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida. Principis**, Jandira, 2021.

SILVA, Camelinda Carla Carvalho e. **Escrita feminina e autorrepresentação em Jane Eyre, Charlotte Brontë.** Revista Cacto, v. 1, n.1, p. 38-61. 2021. Disponível em: <https://seminaridodevisu.ifsertao-pe.edu.br/index.php/cacto/article/view/249>. Acesso em: 05 de mar. de 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista.** Thomas Bonnici/ Lúcia Osana Zolin (org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** Paraná: Maringá 3^a edição, 2009.